

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 24

Data: 14.11.73

Pg.:

Acuado, índio saqueia para viver

Mário Chimanovitch
Enviado Especial

RIO JAVAÉS, GOIÁS — Será essa, talvez, a dos Avá-Canoeiro, uma das maiores tragédias indígenas do Brasil contemporâneo. Acuados entre dezenas de grandes latifúndios no Norte goiano, esses índios, reduzidos a não mais de 60 elementos para sobreviver numa

região onde a caça é praticamente inexistente e o boi domina quase toda a paisagem, têm que saquear as fazendas matando gado e devorando-o às pressas no cerrado, antes que qualquer grupo de vaqueiros decididos os surpreenda.

Nessas circunstâncias, que transformaram o Avá-Canoeiro num índio completamente diferente dos até hoje conhecidos, o trabalho do sertanista Apo-

ena de Meirelles, decorridos apenas dez dias de sua execução, já se afigura como um dos mais difíceis de toda a história de pacificações do extinto SPI à atual Funai. Apocena pressente que esse índio é um ser permanentemente consciente do perigo que o branco representa. Ao contrário dos kranhacerores, por exemplo, que se manifestaram alegres e dóceis ao contato com os Villas Boas, os avá-canoeiros, imagina ainda o sertanista, relutarão bastante antes de se decidirem a aceitar e crer na amizade do branco, que o perseguiu, dizimou e agora o confina esfomeado entre o arame farpado dos latifúndios.

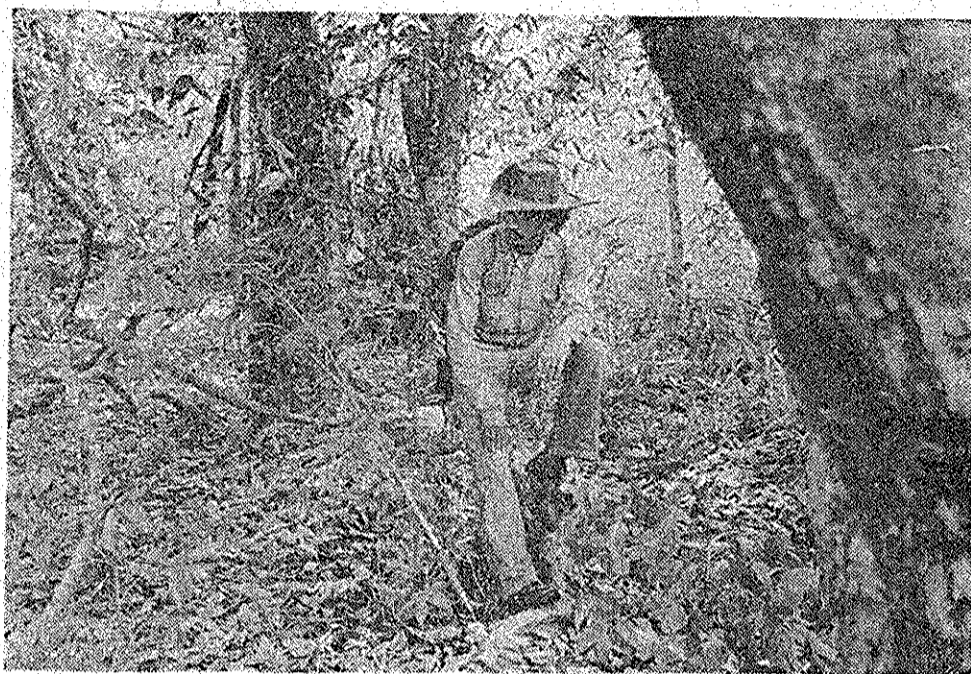
Depois de uma estafante viagem de mais de 900 quilômetros a partir de Goiânia, sobre um velho jipe cheio de carga e homens, o sertanista, com uma equipe de quatro pessoas — um auxiliar e três jornalistas — estabeleceu sua base de operações na sede da Agropecuária Canuanã, do Bradesco, às margens do rio Javaés, no município de Formoso do Araguaia. A expedição foi recebida com certo júbilo pelos moradores e trabalhadores da grande fazenda, pois os índios ali são apontados como cruéis raptadores de crianças, saqueadores do gado das propriedades e que não hesitam, também, em disparar suas flechas de ponta de metal sobre qualquer descuidado vaqueiro que se perca no imenso cerrado.

Otimista, Apocena resolveu, logo após instalar o acampamento, explorar a pequena extensão de matas poupadas na fazenda, ao longo de alguns trechos do Javaés. Antes procurou ouvir algumas pessoas que juravam ter visto os avá a menos de dez metros de distância, pintando-os como criaturas aterrorizantes, de vastas cabeleiras, pele negra como carvão e olhos enormes, quase saltando das órbitas.

O primeiro a ser ouvido foi o vaqueiro Antonio Maria e sua mulher, Zilda, que residem a cerca de 8 quilômetros da sede da fazenda, num retiro de gado que a Canuanã arrendou à Funai, localizado na reserva dos índios Javaés. O vaqueiro e sua mulher juraram ao sertanista, invocando vários santos, que há mais de uma semana os Avá vinham rondando seu tosco barracão, permanentemente cheirando a esturmo. Contaram que os índios chegavam geralmente ao entardecer, antes que Antonio voltasse do pasto, e divertiam-se em remover objetos de lugar, atirar pedras sobre o telhado do barracão e emitir sons assustadores.

— Imagine o senhor — contou Zilda — que os danados chegaram até a forçar as portas e janelas e pelas frestas vi que são muito feios mesmo. Apavorada apanhei o revólver de meu marido e disparei os seis tiros para cima, dentro de casa, na esperança que eles se assustassem ou alguém ouvisse os disparos e viesse me socorrer. Qual nada! Fizeram o que quiseram e depois foram embora.

Na aldeia dos Javaés, índios contatados há mais de 50 anos, Apocena encontrou um surpreendente clima de apreensão. Pacíficos, os Javaés, consanguíneos dos Karajás, temem bastante aos Avá, a quem chamam de "Caras Pretas". Com Albertino, encarregado do posto da Funai naquela área, o sertanista ficou



14.11.73

Foto do enviado especial

Apocena Meirelles: na procura dos Avá-Canoeiro, a missão mais difícil

Os vaqueiros mentem e o sertanista compreende

O depoimento de Zilda, uma sertaneja rija, de 45 anos, é corroborado por Dulcelina, sua sobrinha, que ali também reside em companhia do marido, Darlon, e de um filho de sete meses. A sua descrição é mais convincente. Apocena fica com pressa de explorar o local:

— Eles são bem altos e usam dois enfeites de penas, um na altura do torax e outro sobre o pubis. Sua cor é preta, mas seus cabelos, muitos longos, parecem ser de gente branca. Acho que eles estavam querendo roubar meu filhinho. Deus me livre e guarde desses demônios.

Depois de ouvir as histórias, o sertanista resolveu entrar na mata.

Foi uma caminhada de mais de quatro horas, numa região infestada por casacaveis e insetos peçonhentos. Após a marcha, uma constatação frustrante: os Avá não haviam estado naquela área, pelo menos nos últimos três meses. Era o que a ausência de rastros ou quaisquer outros sinais atestavam. Mais tarde, na sede da Canuanã, soube-se que as informações do vaqueiro Antônio Maria e família não passavam de fantasias destinadas a encobrir o desejo veemente de que a gerência da fazenda os transferisse para a sede da propriedade, onde receberiam serviço mais leve e uma confortável residência de alvenaria, com luz elétrica e água encanada. "Pretensão muito justa", concordou inclusive Apocena, ainda que aborrecido com a noite mal dormida em redor da casa e a penosa marcha onde os seus experimentados olhos de sertanista não encontraram nenhum sinal dos Avá.

Na aldeia dos Javaés, índios contatados há mais de 50 anos, Apocena encontrou um surpreendente clima de apreensão. Pacíficos, os Javaés, consanguíneos dos Karajás, temem bastante aos Avá, a quem chamam de "Caras Pretas". Com Albertino, encarregado do posto da Funai naquela área, o sertanista ficou

sabendo que é quase certo encontrar os Canoeiros durante o período de chuvas que já se inicia. Para fugir às inundações, os índios refugiavam-se num terreno elevado situado entre os limites das fazendas Canuanã e Lago Bonito, quase 100 quilômetros em linha reta.

Junto à fazenda Lago Bonito existe um povoado de menos de 100 habitantes chamado "Dorilandia" em homenagem ao pecuarista Dorival Roriz, antigo proprietário das terras onde se localiza a vila, fundada em 1963. Hoje, o povoado praticamente pertence ao comerciante mineiro Joaquim Rodrigues, proprietário do único armazém e autoridade máxima na vila. Ele afirma que a pequena população teme os Avá e que a chegada de Apocena, de certa forma, vem trazer um pouco de tranquilidade. O que se observa é que existe um clima de quase psicose com relação aos índios que, até hoje, pelo que se sabe, apesar de todas as histórias, jamais mataram alguém. Ao contrário, vivem a fugir desesperadamente das perseguições promovidas por fazendeiros da região, que chegam a empregar cães de caça especialmente treinados para farejá-los e acuá-los.

— Moço — diz o comerciante — se o senhor quiser pegar os "Caras-Pretas" essa é a melhor época, nas chuvas, quando eles se escondem na elevação que nós chamamos aqui de Mata Azul. Ali nós já encontramos restos de antigos acampamentos e muitos rastros. O nosso medo é que esses danados resolvam atacar a vila e roubar todas as crianças. Eles não são cristãos e bem podem fazer isso. Tomara que o senhor os caça logo.

Não agrada a Apocena ser confundido com "caçador" de índios. Ele observa sobre o sujo balcão do armazém de Rodrigues uma flecha com ponta de metal. Indaga ao comerciante como a conseguiu e o homem, como querendo eximir-se de quaisquer responsabilidades, responde nervosamente que a flecha lhe havia sido apresentada por Pio, o gerente da fazenda Lago Bonito.

— Os "Caras-Pretas" tinham matado duas vacas do Dorival Roriz e estavam preparando a carne no pasto quando os vaqueiros chegaram de surpresa. Foi uma correria danada e os índios fugiram abandonando tudo. Foram recolhidos quase 90 flechas, muitos arcos e mais de uma dúzia de redes de dormir. O Pio, depois, me deu a flecha de presente, mas, se o senhor quiser, pode ficar com ela.

Apesar do comerciante afirmar que naquela ocasião, não houve luta entre índios e vaqueiros, a sua história é estranha, levando-se em conta o valor que as flechas têm para os Avá-Canoeiros. São preparadas com pontas de metal aproveitado de velhos tampões de gasolina ou latas abandonadas. Pacientemente os índios, que não dispõem de instrumentos de corte, trabalham o metal dando-lhe a forma de faca com uma perfeição artesanal surpreendente. Assim, todos acham muito estranho que os índios tenham abandonado tal quanti-

dade de flechas e de redes sem que tenha havido uma confrontação violenta entre os dois grupos.

Outro morador de "Dorilandia", o vaqueiro Anízio Ribeiro, cuja lepra já vai devorando os dedos das mãos, conta que os Canoeiros já lhe roubaram três burros de carga ("que ainda nem estavam pagos") e andam sempre acompanhados de uma moça loira, provavelmente a menina raptada ao agricultor Joaquim Lima, há cerca de 20 anos.

— Foi no início do ano, mais ou menos, que avistei os "Caras Pretas" e quase me danei de medo, não tenho vergonha de contar, não. Eu estava recolhendo um gado que andava pelo pasto quando resolvi desmontar para ir no mato. Vi um grupinho deles andando pela trilha com umas duas ou três mulheres. Uma delas era branca, de cabelos loiros e muito compridos, quase batendo pela cintura. Tudo sem roupa, que nem anjo... A loira era lindíssima, mas, para dizer a verdade, o medo foi mais forte do que a tentação de ficar espiando aquela boniteza de mulher. Assim que eles se perderam no mato corri para a minha montaria e cai na estrada, tocando a mula na espora, correndo mais do que o vento...

Apoiado nessas informações, apesar de muitas vezes contraditórias e plenas de fantasia, é que o sertanista Apocena de Meirelles começará, a partir da próxima semana, a operar na fazenda Lago Bonito, vasculhando com cuidado toda a Mata Azul. Ali, instalará alguns tapiris com presentes aos Canoeiros: facas, machados, panelas e facões. Nenhum utensílio que não possa ter utilidade para o índio.

Para deslocar-se de Canuanã à Fazenda Lago Bonito, Apocena não poderá contar mais com o velho e util jipe. A região já começa a ser alagada pelas águas que transbordam dos rios Javaés e Caracol. Por isso, o sertanista terá que se locomover, por uma distância de aproximadamente 100 quilômetros, sobre o lombo de burros, o único meio capaz de vencer o terreno. Na Mata Azul, Apocena sabe que terá que suportar um verdadeiro jogo de paciência, pois qualquer precipitação colocaria a perder irremediavelmente o seu trabalho. A paciência é, na realidade, a única alternativa que lhe resta:

— Esses índios não têm aldeia nem lugar fixo para estacionar. Nosso único ponto de referência com relação à sua localização é a Mata Azul; agora nas chuvas, é certo, diminui sensivelmente a capacidade de resistência do grupo, pois não há caça e eles tem que se aventurar a abater alguns bois na fazenda, facilitando, ao que tudo indica, a possibilidade do encontro. É dessa circunstância dolorosa que teremos de nos aproveitar. Eles precisam ser atraídos e contatados o quanto antes. Nesse caso, a atração, paradoxalmente, significa o único meio capaz de permitir que eles não desapareçam física e culturalmente.